

FREY APOLLONIO E A VIAGEM ININTERRUPTA DE C. F. PH. VON MARTIUS

Seles Pereira da Silva *

Frey Apollonio: um romance do Brasil, uma publicação recente – de 1992 –, resulta de um texto cuja primeira redação foi concluída há pelo menos 180 anos. Sua autoria é de Carl Friedrich Philipp von Martius, um cientista proveniente da Baviera que esteve no Brasil entre meados de 1817 e de 1820. Ao chegar ao Rio de Janeiro, em companhia de Johann Baptist von Spix, também um cientista bávaro, Martius iniciou uma expedição cujo itinerário cobriu boa parte do Brasil, abrangendo os atuais estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas.

Deste feito resultaram, para além de uma vultosa narrativa de viagem, na qual Martius foi co-autor com Spix, muitas obras. Estas publicações se constituem hoje ferramentas importantes para vários campos de estudo. Da biologia à história, passando pela antropologia, etnografia, arqueologia, geologia, física e linguística, o conjunto das temáticas presentes nas obras de Martius é variado.

Além disto, no que tange ao estudo da historiografia do Brasil em inícios do Império, pensada no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), a figura de Martius é uma peça chave. O cientista produziu um artigo intitulado **Como se deve escrever a história do Brasil**, vencendo o concurso promovido pelo IHGB quanto à escrita oficial da história nacional. Mas para uma eficaz compreensão da reflexão e proposição do autor em seu artigo, é fundamental estudar outros escritos de Martius.

Nesta perspectiva, também consideramos a análise sobre **Frey Apollonio** fundamental para a historiografia por se tratar de uma obra que possui estreita correspondência com elementos da biografia de seu autor, o qual, por motivos não explicitamente esclarecidos, preferiu manter sua circulação restrita. Especialmente nesta correspondência situamos e avaliamos sua importância historiograficamente.

A percepção da correspondência entre **Frey Apollonio** e a biografia de Martius verifica-se pela análise das outras obras do cientista. De seu conjunto, destacamos para nossa análise, para além de **Frey Apollonio**, a narrativa de viagem. Dividida em três volumes, cujo primeiro saiu em 1823, **Viagem pelo Brasil: 1817-1820** (Spix & Martius, 1938) apresenta especialmente, conforme o título evidencia, a narração de toda a expedição, além de muitas observações e acréscimos, feitos quando da edição.

* Mestrando em História – Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: avlisps@gmail.com.

A obra constitui-se como importante recurso para análise sociocultural, além de política e econômica, do período inicial – e posterior – do oitocentos no Brasil, conjuntura que marca o fim do período colonial e advento do Império.

Apesar do tema sugerido pelo título – *Viagem pelo Brasil* –, a narrativa apresenta em detalhes tudo o que se passou na expedição, desde a partida de Munique, na Baviera. Ricamente diversificada – no que tange aos assuntos que oferece – e cronologicamente organizada, os autores iniciam com a exposição dos objetivos gerais e específicos e continuam com a narração da viagem, discorrendo meticulosamente e apresentando suas impressões concernentes a vários aspectos de cada lugar por onde passaram.

Deste modo, **Viagem pelo Brasil: 1817-1820** – assim como **Frey Apollonio** –, constitui-se em rico subsídio para a historiografia. Fruto, em grande medida, de uma experiência a partir da qual dois estrangeiros apresentaram e fizeram uma avaliação do que vivenciaram durante sua expedição, esta obra evidencia ainda os embates de seus pressupostos frente à alteridade, o que é de singular interesse para nossa análise.

Neste caráter, que em alguma medida podemos qualificar de imediato, situamos o seu valor. Não obstante os registros que resultaram no texto final terem sido reelaborados e recebido acréscimos quando de sua edição, sua análise descortina-nos um Brasil reconstruído a partir dos olhares de Spix e Martius.

Nesta perspectiva, nos propomos apresentar neste artigo a análise de alguns aspectos do olhar de Martius¹ a respeito dos indígenas que viu, observou e com os quais estabeleceu relações. Tal olhar, que aparece nos três volumes de *Viagem pelo Brasil*, permanece em **Frey Apollonio**. Esta é uma das questões que nos permitem considerar que a viagem que Martius fez ao Brasil entre 1817 e 1820 finalizou-se apenas espacial e temporalmente. Intelectualmente, todavia, o cientista permaneceu num contínuo estado de reflexão.

Neste sentido, para uma eficaz compreensão do pensamento de Martius a respeito dos indígenas, a análise de **Frey Apollonio** reveste-se de fundamental importância. Apesar de se tratar de uma obra de caráter literário, é fonte privilegiada para a historiografia. Sobre esta questão – e outras – que surgem do debate acerca da relação entre *História e Literatura*, tratam os historiadores Sandra Jatahy Pesavento, Manoel Luis Salgado Guimarães e Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

Prefaciando Albuquerque Júnior em sua obra **História: a arte de inventar o passado**, Manoel Luis Salgado Guimarães dialoga com Paul Ricoeur e pondera sobre o ofício do historiador:



A função vicária da escrita em relação ao passado viabilizou o que Paul Ricoeur denomina de “condição histórica”, um regime de existência próprio da modernidade e colocado sob o signo do passado entendido como “tendo sido e não sendo mais”. Nesse sentido, nosso ofício depende da palavra e de suas artes mesmo que não se reduzindo a ela. Estamos marcados pelo território da palavra, e diria mais, da palavra escrita, que torna viável uma relação com o passado, tornando-o significativo para homens que não o viveram mas que tecem suas vidas alimentando-se dessa palavra, imaginando-se como humanos que partilham no presente e puderam partilhar com homens do passado o mistério da vida, seus dramas, angústias, incertezas e alegrias. Mas, sobretudo, partilhar a pergunta sobre o que efetivamente nos faz humanos. (Albuquerque Junior, 2007, p. 16)

O historiador prossegue, comentando sobre uma das questões que podem ser consideradas como o ponto de partida para o trabalho e reflexão de Albuquerque Junior como historiador, qual seja, a relação entre História e Literatura. Neste sentido, Guimarães aponta que o historiador, em sua obra, problematiza esta questão ao conceber a aproximação e utilização da literatura “não como fonte histórica no sentido de manancial de informações a serem extraídas pelo pesquisador metuculoso, mas como lugar de boas perguntas acerca de um problema, como lugar de fecundação do pensamento...” (Idem, p. 17), e conclui afirmando que este “é um dos melhores exemplos de como pode o historiador pensar com a Literatura e não contra ela.” (Ibidem)

Sobre esta relação também trata a historiadora Sandra Jatahy Pesavento em sua obra **História & História Cultural**. Afirma a autora que:

São ambas [História e Literatura], como se viu e como apresentou Ricoeur, refigurações de um tempo, configurando o que se passou, no caso da História, ou o que se teria passado, para a voz narrativa, no caso da Literatura. Ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. Valem-se de estratégias retóricas, estetizando em narrativa os fatos dos quais se propõem falar. São ambas formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história, e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor. Isso tudo diz respeito às aproximações que unem a História e a Literatura. (Pesavento, 2005, p. 81)

Tratando ainda da relação entre História e Literatura, sendo esta problematizada por aquela, Pesavento explica de que modo se dá o processo ao afirmar que “é a História que formula as perguntas e coloca as questões, enquanto que a Literatura opera como fonte. A Literatura ocupa, no caso, a função de traço, que se transforma em documento e que passa a responder às questões formuladas pelo historiador.” (Idem, p. 82) Nesta perspectiva, a autora ressalta que “não se trata (...) de estabelecer uma hierarquia entre História e Literatura, mas sim de precisar o lugar de onde se faz a pergunta.” (Ibidem) Pesavento discute ainda que, no âmbito da *História Cultural*, sua utilização da Literatura não deve visar “a determinação de

um fato ou de um personagem do real passado. (...) Em se tratando da História Cultural, não serão essas as perguntas ou as preocupações.” (Pesavento, 2005, p.82)

Se a História Cultural está em busca do resgate das representações passadas, se almeja atingir aquele reduto de sensibilidade e de investimento primário na significação do mundo, a Literatura é uma fonte realmente especial: ela pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão. (Ibidem)

Este alcance interpretativo do passado, possibilitado pela Literatura, permite ainda, de acordo com Pesavento, conhecer o “(...) modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo e a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos.” (Ibidem) Todavia, a autora pondera que:

Por outro lado, a Literatura é fonte de si mesma. Ela não fala de coisas ocorridas, não traz nenhuma verdade do acontecido, seus personagens não existiram, nem mesmo os fatos narrados tiveram existência real. A Literatura é testemunho de si própria, portanto o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita. Ela é tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como sobre o horizonte de expectativas de uma época. (Idem, p. 83)

Entretanto, no caso de **Frey Apollonio**, mesmo se tratando de uma obra literária, podemos verificar com clareza que se trata mais de uma reelaboração de Martius de sua viagem pelo Brasil. O elemento ficcional, próprio da Literatura, se verifica apenas pelas escolhas que o viajante fez de personagens e lugares para compor seu enredo. De fato, algumas personagens são homônimas de outras que aparecem na narrativa de viagem, e podemos conjecturar que Martius, pelo caráter aparentemente não finalizado do texto de *Frey Apollonio*, pretendesse fazer, posteriormente, alterações neste sentido.

Não obstante, a sensibilidade característica de seu estilo narrativo, tal qual o encontramos no texto de *Viagem pelo Brasil*, ganha solo fértil no romance. Verificamos ainda sonhos e seu horizonte de expectativas quanto ao Brasil, cuja análise é fundamental quando estudamos seu pensamento em **Como se deve escrever a história do Brasil**.

Nesta perspectiva, aponta Pesavento que: “No caso de um texto literário que fale do seu tempo (...), o historiador sobre ele se debruça a resgatar as sensibilidades, as razões e os sentimentos de uma época, traduzidos esteticamente em narrativa pelo autor” (Ibidem)

Para o que nos diz respeito, afirma a autora que “o historiador não busca [no romance histórico] a verdade de um outro tempo, vendo no discurso de ficção a possibilidade de acessar o passado, mas a concepção de passado formulada no tempo da escritura” (Ibidem). Nesta perspectiva, Pesavento conclui pontuando que:



A utilização do texto literário pela História permite levar mais longe o deslocamento da veracidade à verossimilhança, pondo em discussão os efeitos de real e de verdade que uma narrativa histórica pode produzir, tomando o lugar do que teria acontecido um dia. Ao trabalhar com a Literatura como fonte, o historiador se depara, forçosamente, com a necessidade de pensar o estatuto do texto e realizar cruzamentos entre os dois discursos, em suas aproximações e distanciamentos. (Pesavento, 2005, p. 84)

No que tange a relacionar **Frey Apollonio** ao texto de **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**, tendo como norte o pensamento de Martius a respeito da população indígena a partir da observação da natureza, o terceiro volume da narrativa é o mais significativo. Todavia, esta impressão que a natureza tropical causou sobre o viajante e sua sensibilidade ao retratá-la – não apenas por meio da narrativa de viagem, mas ainda por gravuras² –, aparece já nas primeiras linhas do registro da chegada ao Rio de Janeiro. A natureza constitui-se – efetivamente – na mediadora do contato com o Brasil, e compõe o alicerce a partir do qual o viajante construiu sua visão. Além disto, todo o percurso e considerações foram norteados por ela. Quando chegou à cidade, a 15 de julho de 1817, a paisagem natural e as impressões decorrentes de sua vista foram descritas com o máximo de detalhes:

O dia estava encantadoramente claro e límpido, (...); não tardou a patentear-se aos nossos olhos, embora ainda distante, a grandiosa entrada do porto do Rio de Janeiro. (...) Depois do meio dia alcançamos, aproximando-nos cada vez mais do mágico panorama, os colossais portões de rocha, e finalmente por ele entramos no vasto anfiteatro, onde o espelho do mar reluzia como sossegado lago, e, espalhadas em labirinto, ilhas olorosas verdejam limitadas no fundo por uma serra coberta de matas, como jardim paradisíaco de fertilidade e magnificência. (...) **Todos se deleitavam na contemplação do país, cuja doçura, cuja variedade encantadora e cujo esplendor superam o que há de mais belo na natureza, como jamais havíamos visto.** Do azul escuro do mar, elevam-se as margens na claridade magnífica, e no meio do verde vivo destaca-se a brancura das casas, capelas, igrejas e fortalezas. Atrás levantam-se audaciosos, como torres em forma de grandiosas cúpulas, os rochedos, cujas encostas ostentam-se em toda a plenitude a uberdade da floresta tropical. Olor ambrísiano derrama-se dessa soberba selva, e maravilhado passa o navegante estrangeiro por entre as muitas ilhas cobertas de majestosas palmeiras.

Assim se alternavam sem interrupção novos, graciosos e espetaculares cenários, diante de nossos olhos admirados, até que, finalmente, a capital do novo reino, iluminada festivamente pelo sol poente, se patenteou à nossa vista... (Spix e Martius, 1938, p. 80/vol. 1/ destaque nosso)

A partir de sua meticulosa narração, que apresenta muitas efemeridades, Spix e Martius convidam seus leitores a acompanharem-nos em sua viagem. Não se trata apenas de uma temporalidade e espaço que, por seu registro, fazem parte apenas e tão somente de um passado que se distancia, mas processa-se um *retorno*, com vistas a apresentar, mediante a narrativa, o que seus olhos viram. A temporalidade registrada adquire um aspecto fluido, ao atentarmos para os tempos verbais que os viajantes lançam mão: “(...) reluzia... verdejam...

superam... derrama-se... se alternavam...” (Ibidem) Podemos relacionar esta oscilação entre presente e passado à *rememoração* do narrador, mediante a qual efetua o retorno. Esta *rememoração* torna-se evidente em **Frey Apollonio**. Neste processo, ao lado da descrição da paisagem natural, os viajantes também registram seus sentimentos. Tal característica marca os três volumes da narrativa da viagem dos bávaros. Este aspecto da narrativa também é apontado pela historiadora Ana Luisa Fayet Sallas, em seu artigo **Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação**.

Na perspectiva da produção cultural, (...) os livros de viagem, com seus atlas e álbuns pitorescos, foram consumidos avidamente pelo público leitor do início do século XIX como bens culturais. Desse modo, **o que poderia ser entendido como experiência particular e privada deixa imediatamente de sê-lo ao ingressar no mercado simbólico de bens culturais. Essa relação entre autor e leitor reafirma o caráter público da cultura**, que, longe de nos fornecer a verdade da representação, oferece as ideias compartilhadas por determinado grupo acerca da natureza, do homem e da civilização do Novo Mundo. (Sallas, 2010, p. 417/ destaque nosso)

Este aspecto também foi apontado por Manoel Luís Salgado Guimarães, em seu artigo **História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação**:

(...) a forma de conceber e construir seu relato, onde o narrador se faz presente a cada momento, como que convidando seu leitor a participar desta viagem, integrando-o numa relação em que a leitura é parte constitutiva do próprio texto, parece apontar no sentido de uma moderna narrativa. Von Martius é capaz de organizar seu relato produzindo as noções de seqüencialidade e simultaneidade dos fenômenos que observa, organizando um quadro para seu leitor, em que todas as peças do quebra-cabeça parecem encaixar-se. Causalidade e determinação organizam o seu texto, de forma a dar sentido e inteligibilidade a um conjunto aparentemente díspar de fenômenos observados. (Guimarães, 2000)

O *convite* feito pelo narrador ao leitor aparece também em **Frey Apollonio**. O narrador do romance, que, por conhecer e revelar os sentimentos e pensamentos das personagens, é *onisciente*, também convida seus leitores a acompanharem-no, aproximando-os – e, por vezes, propondo ao mesmo tempo uma *identificação* – da personagem. A seguinte citação ilustra este aspecto:

Amável leitor, que também percebeste os enigmas de tua própria natureza, tendo-te abandonado alguma vez às brandas ondas daquele misterioso caudal de pensamentos, sobre o qual, em horas solitárias, nossa essência melhor e mais profunda se dirige a um oceano infinito – tu percebes o que experimentou, naquela silenciosa meia noite, a alma de Hartoman. (Martius, 1992, p. 57)

Este trecho é subsequente às descrições e considerações do narrador sobre uma noite de luar, na qual Hartoman – personagem cercada de indícios que apontam sua relação com Martius –, se encontrava comovido, pelas impressões desta natureza, e seus sentimentos, após um acontecimento envolvendo Apolônio, personagem que dá nome ao romance e principal interlocutor de Hartoman, ao lado de Riccardo.

Não obstante o registro das impressões, diante da natureza tropical, aparecerem nas primeiras linhas que apresentam a chegada ao Brasil, é a passagem pelo Amazonas, cerne do 3º volume, que acentua estes sentimentos. Publicado em 1831, exatamente no ano em que Martius finalizou a primeira redação de **Frey Apollonio**, ele apresenta a experiência que marcou indelevelmente sua biografia. Não apenas pela possibilidade de estabelecer um contato mais próximo com sociedades indígenas, mas ainda por sua notável beleza e riqueza natural, a chegada e percurso pelo Amazonas destaca-se no conjunto da narração de Martius de sua viagem pelo Brasil.

Já no penúltimo capítulo do segundo volume, publicado em 1828, cujo conteúdo apresenta a estada dos cientistas em São Luís do Maranhão, após dificuldades na aquisição de uma licença, da parte do governo, para percorrer a então província do Grão-Pará, porta de entrada para o Amazonas, Spix e Martius foram comunicados de sua autorização. Assim, os viajantes receberam cartas de recomendação para a continuidade da expedição. As considerações que seguem ao recebimento da notícia demonstram a expectativa quanto à viagem pelo Amazonas:

Estava então patenteada para nós **a mais rica e mais maravilhosa natureza**, que se estende sob a bênção do sol equatorial; e como, durante a viagem, **tínhamos ansiado, com tôda a alma**, por chegar alí, a licença recebida pareceu restituir-nos todo o vigor do corpo, afim de percorrermos aquela terra de promessa. (Spix e Martius, 1938, p. 488/vol. 2/ destaque nosso)³

Quanto já no Pará, ao discorrer sobre sua estada em Belém, Martius atribui uma expressão *nova e sagrada* à natureza que o cercava. A citação seguinte – que apresenta suas impressões a partir da observação das cercanias da casa onde estava hospedado –, demonstra de modo claro a influência que esta natureza imprimiu sobre o viajante:

A casa (...) oferecia todos os encantos da solidão. Estendia-se dalí um campo plano, (...) interrompido aquí e acolá, por palmeiras e espinheiros. Na parte posterior da casa, estavam a espaçosa cozinha e o pomar, em cuja extremidade estreitas picadas conduzem a terreno inculto, desigual, coberto de sombrio capoeirão e de espessura impenetrável, em distância a perder de vista. Aquí, pelas vargens, ha ipueiras e lagoas, de cujas águas surgem tufos de canaranas e de ubís de espinho. Cheio de



horror, perde-se o naturalista a dar passadas incertas nesse terreno, abandonado pelas aves da mata, onde se lhe deparam apenas, às vezes, capivaras ariscas, ou violento fartum almiscarado lhe denuncia a presença dos monstros de carapaça, os jacarés, que, como réprobos, se conservam escondidos na lama e na escuridão. Achávamos, portanto, numa região já por um lado enobrecida pelo cultivo, embora por outro lado representada pela invencível força criadora do solo americano; e um só olhar abrangia às mais diversas manifestações da natureza. Mas, si a cada passo nos deslumbrava a incrível fertilidade dessa criação, era ao mesmo tempo de enlevo e de alívio a sensação que tínhamos diante da indizível tranquilidade e harmonia, que pairavam sobre a natureza. Tudo em volta de nós se destacava distintamente como uma ressonância, com um ato do grandioso drama do mundo, no qual, desde o Criador, animado do imortal gozo de ser, todos e cada um, segundo o seu modo, porfiam anelante pelo prêmio e pelo louvor; e mais significativo, mais patente do que em qualquer outro lugar, pareceram-nos ressoar, em harmoniosa concordância no hino à vida, tanto as plantas como os animais, tanto os elementos como o éter e como o sol, dominador dos planetas. Em parte alguma ainda nos haviam essas meditações despertado sensações tão profundas, tão veementes, com aqui, onde a vizinhança do Equador confere a tudo como que uma expressão nova, sagrada; e nós, chegados a este ponto de pleno gozo nos considerámos convidados a expandir as idéias que prévias experiências e pontos de vista haviam sazornado em nosso espírito. (Spix e Martius, 1938, p. 7-8/vol. 3)

O aspecto holístico que aparece nas considerações de Martius sobre a natureza – especialmente vultosas quando de sua passagem pelo Amazonas – foi tratado por Marcus Mazzari, em seu artigo **Natureza ou Deus: afinidades panteístas entre Goethe e o “brasileiro” Martius**.

Ao discorrer sobre as relações entre Martius e Goethe e suas influências mútuas, Mazzari aponta que antes que se encontrasse com Martius – após sua viagem ao Brasil, no ano de 1824 –, Goethe já demonstrava afinidade pelo país. Tal afinidade é manifesta por meio de registros em seu diário; também pelos 17 títulos, concernentes ao Brasil, que faziam parte de sua biblioteca particular, além de empréstimos de obras concernentes ao Brasil, conhecidos pela consulta aos registros na biblioteca de Weimar. Esta afinidade aprofundou-se ainda mais, devido ao contato que o poeta manteve com Martius em seus últimos anos de vida. (Mazzari, 2010, p. 183-4)

O autor ressalta ainda que Martius, mesmo antes do encontro, já partilhava de uma relação *espiritual* – filosoficamente falando – com Goethe, inclusive como profundo conhecedor e admirador de suas obras, mesmo antes da viagem ao Brasil. Mazzari aponta como algumas o influenciaram, sobretudo em suas observações da natureza, e de como Goethe também apreciava a amizade com Martius e suas considerações e estudos sobre a natureza.

Mazzari destaca ainda que, do conjunto da obra de Goethe, podem ter exercido significativa influência sobre Martius o **Fausto** e **A metamorfose das plantas**. (Idem, p. 195-6)



Demonstra a grande afinidade entre os dois a homenagem que Martius, juntamente com Nees von Esenbeck – também botânico – prestaram a Goethe pela denominação de uma malvácea endêmica do Brasil como *Goethea*. Mazzari compara, de modo claro, como o *Fausto*, de Goethe – e sua admiração pela natureza – podem ter influenciado profundamente o viajante em suas observações.

Em **Frey Apollonio**, os elementos que nos permitem considerar esta grande influência da natureza tropical sobre o pensamento de Martius, quando de sua expedição, além de outros aspectos, são evidentes já nas primeiras linhas do primeiro capítulo, cujo significativo título é *Um sonho*. Nelas, Hartoman, personagem principal do romance, apresenta sua viagem:

Nos belos anos, nos quais a **juventude**, amor e esperança produzem em nosso redor verdadeiro jardim de magias, cheguei à América e, na plenitude do meu **anseio de conhecimentos**, vaguei pelo continente esplendoroso. Finalmente **prende-me** aquele país, através do qual o rei dos rios, o poderoso Amazonas, leva sinuosamente as suas vagas amareladas ao oceano. Silente e misterioso estendia-se diante de mim aquele deserto verde, aquele mar de folhas de velhíssimas florestas, a cobrirem o continente até longínquas extensões, nunca dantes penetradas; acima de mim elevava-se o firmamento no equilíbrio de suas luzes eternas. (...) Dominara-me, desde sempre, a vontade indefinida de resolver os múltiplos enigmas que nos aguardam, longe de cultura e costumes europeus, no país das florestas eternamente verdes, e este anseio dispus-me a satisfazer agora: decidi-me por realizar extensa viagem ao encontro dos selvagens no interior daquele país. (Martius, 1992, p. 3-4/ destaque nosso)

Já o aspecto holístico que Mazzari trata aparece na seguinte citação, que apresenta a subida de Hartoman e Riccardo, em companhia de índios que remavam sua embarcação:

Quero libertar-me aqui de qualquer olhar de temor perante o futuro. Não permitirei que me domine outro anseio, que não o de empregar bem cada dia de que disponho. Assim se justifica o meu anelo pelas longínquas regiões desconhecidas; é o chamado do “avante, plus ultra”. E ao obedecer-lhe, sinto-me livre dos meus semelhantes, livre do constrangimento, exercido pelos costumes e preconceitos. Distancio-me do embate das paixões humanas, não sou filho do meu tempo, nem membro da sociedade, nem integrante do Estado, e nada quero ser, senão um habitante da Natureza. (Idem, p. 9)

Percebemos na primeira citação três elementos da biografia de Martius: primeiramente, sua juventude⁴ quando de sua viagem pelo Brasil; também seu anseio por conhecimentos, como um filho do Iluminismo, e ainda, suas *esperanças* e expectativas satisfeitas em relação ao Brasil, *continente esplendoroso* que o *prende*.

Além disto, o trecho aponta-nos para uma questão fundamental na compreensão do pensamento de Martius a respeito dos indígenas. Seu vínculo com o Brasil se completa a

partir de dois elementos. Primeiramente, conforme apontamos, a natureza, cuja expressão de maior destaque é conferida ao *rei dos rios*, o *poderoso Amazonas*. Para o cientista, esta, além de fonte de recursos, torna-se motivadora e mediadora da resolução dos *múltiplos enigmas* humanos. No Brasil e – sobretudo – no Amazonas, Martius encontra ocasião e se dispõe a resolvê-los, e isto ele o faz ao decidir encontrar-se com os *selvagens* do interior do Brasil.

A compreensão a respeito dos indígenas a partir da observação da natureza também foi tratada pelo historiador Manoel Luís Salgado Guimarães em seu artigo **História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação:**

Marcado pela cultura histórica de seu tempo, a questão central que atravessa o conjunto de suas reflexões sobre as populações autóctones da América aborda diretamente o problema da história como índice de civilização, interrogando-se a respeito de **como integrar o conjunto destas populações indígenas à história da humanidade. Encontramos aí uma importante fonte para compreensão de uma perspectiva de história que integra a natureza destas regiões como parte da explicação histórica, ou pelo menos como um caminho para sua escrita.** (Guimarães, 2000/ destaque nosso)

A perspectiva histórica presente no olhar dos viajantes naturalistas de inícios do XIX e seus desdobramentos também foi assinalada pela historiadora Ana Luisa Fayet Sallas já nas primeiras linhas de seu artigo. Afirma Sallas que: “As ideias de nação e história produzidas pelos viajantes europeus que estiveram no Brasil no início do século XIX tiveram papel fundamental na construção de um imaginário sobre os povos indígenas e os modos de inscrevê-los no tempo e no espaço.” (Sallas, 2010, p. 416)

Aprofundando a discussão sobre a relação entre *história e natureza*, que Guimarães trata em seu artigo, afirma ainda o autor:

Lançamos, como hipótese inicial de leitura, a possibilidade de entender sua **escrita** [de Martius] **da natureza como a via possível de uma escrita histórica para os "povos americanos"**, uma narrativa em que uma história da natureza e uma história dos homens são tecidas no mesmo movimento: o conhecimento de uma importa necessariamente no conhecimento da outra para a composição de um grande quadro a ser admirado pelo olhar europeu. Um olhar que busca se conhecer/reconhecer ao mesmo tempo que se afirma pelas mãos do viajante-pintor (von Martius, 1838; 1832; s. d.). (Guimarães, 2000/ destaque nosso)

Além disto, no que tange ao aspecto científico das viagens, afirma Guimarães que:

Diferentemente das viagens exploratórias anteriores, os viajantes do século XIX o fazem com o intuito de produzir conhecimento científico seguro, esquadrinhando cuidadosamente as regiões para construir um painel que abrigasse desde as características físico-geográficas das áreas visitadas, até as características sociais e políticas dos povos que as habitavam. (Ibidem)



Quanto às publicações que acompanhavam tais empreendimentos, o autor as aponta como resultantes de uma “relação particular que se estabelece entre o olhar e o texto, que deve dar conta de um processo de apropriação da natureza e dos homens, constituindo a este respeito minucioso inventário.” (Ibidem) Dialogando ainda com Starobinski, Guimarães afirma que:

(...) esta apropriação levada a cabo pelo olhar (...) transforma o objeto, fornecendo a ilusão da proximidade intermediada, muitas vezes, pela noção de utilidade. Indicar os usos de determinados produtos da natureza é em muitos momentos para von Martius a maneira de dar sentido e tornar próxima uma natureza tão diversa. Da expedição da qual faziam parte von Martius e von Spix, constavam também dois profissionais da imagem, o pintor de paisagens Thomas Ender e o desenhista de plantas H. Buchberger, cujo trabalho, assim como as remessas de espécies locais, deveriam conferir ainda maior realidade aos relatos escritos. Imagem e texto combinavam-se assim para produzir aos olhos europeus a América possível, misturando deslumbramento e repulsa. (Ibidem)

Percebemos esta dicotomia de sentimentos, gerados na recepção tanto dos textos quanto das imagens, produzidos a partir das viagens naturalistas, também no próprio viajante-narrador. No caso de Martius, pode ser percebida tanto em relação à natureza quanto a partir da observação dos indígenas. Em **Frey Apollonio**, é evidente no capítulo que trata sobre o estabelecimento de relações com Pacachutec, um índio que, por possuir características que contrariavam a visão que Hartoman vinha construindo destas populações, o impressionou.

Nas primeiras páginas do capítulo, cinco fatos relacionam-se efetivamente com a narrativa de viagem: a expedição – solitária, como branco – de Hartoman com os “rudes filhos das matas”; a influência da mata sobre a alma – ou as impressões causadas a partir dela; o estabelecimento de relações com os índios chefes de cada lugar, para conquistar a confiança do restante do grupo; uma vigília entre os índios e a observação de um “espetáculo” de cuidado materno entre os mesmos, sintonizando-os com a “civilizada” Europa e, por fim, a descrição do banho entre os índios, do qual Hartoman também participou. (Martius, 1992, p. 107-109) A partir da observação do cuidado materno entre os índios, a personagem pondera:

Também aqui (...) reconheço o ser humano, mesmo encontrando-se em estado de aviltamento. Também aqui nasce com sofrimento, sendo criado com cuidados, e a mãe índia vigia o seu filho com pelo menos idêntica fidelidade e amor que a européia. Esta idéia reconcilia-se com a rudeza pobre desse gênero humano tão decadente. (Idem, p. 108-109)

Entretanto, poucas linhas adiante, o narrador registra a visão de Hartoman de uma “bruxaria” cometida por outra índia, prisioneira do grupo no qual o viajante se encontrava, contra seus “verdugos”. “Esta cena tocou de modo doloroso o ânimo do nosso amigo”. (Idem, p. 110) Algumas linhas adiante, prossegue: “Quando Hartoman, perseguido por tais ideias assustadoras, decidiu trocar a oca pelo ar livre da manhã, rapidamente encontrou lenimento para suavizar sua dor.” (Idem, p. 111) A continuação do parágrafo aponta para um aspecto recorrente da narrativa de Martius: em sua expedição pelo Brasil, era a natureza, que “compensava a falta de ambiente civilizado” e atenuava a angústia e saudades da Europa. (Spix e Martius, 1938, p. 220/vol. 2)

Neste sentido, a finalização da citação de **Frey Apollonio** é significativa:

(...) das profundezas da floresta ressoam vozes as mais estranhas. Nos mais diversos timbres ouve-se flautear, trinar, chilrear e gorjear, de fontes muitas vezes desconhecidas, e assim, gloriosamente, a sinfonia da solidão da selva, que inconscientemente é entoada por este mundo animal, abre novos rumos ao amor, à dedicação e à fé humanas, em direção ao Criador. (Martius, 1992, p. 112)

Tendo em conta o fato de que a construção inicial de **Frey Apollonio** foi concluída no ano de publicação do terceiro volume de *Viagem pelo Brasil* e que seus conteúdos demonstram uma estreitíssima vinculação, concluímos que as experiências vivenciadas por Martius no Brasil – especialmente no Amazonas – ensejaram uma viagem que permaneceu ao longo de sua vida.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.** Bauru, SP, Edusc, 2007.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação.** Rio de Janeiro, *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VII(2), 389-410, jul.- out. 2000.
- MARTIUS, K. F. Ph. von. **Frey Apollonio.** São Paulo, Brasiliense, 1992.
- MAZZARI, Marcus V. **Natureza ou Deus: afinidades panteístas entre Goethe e o "brasileiro" Martius.** São Paulo, *Estudos Avançados*, v. 24, n. 69, 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- SALLAS, Ana Luisa Fayet. **Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação.**



Hist. cienc. saude-Manguinhos. Rio de Janeiro, *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, v. 17, n. 2, jun. 2010.

SPIX, Johann Baptist von e MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938 (3 vols.).

¹ O destaque em Martius se deve ao fato de que, além de ser autor único de **Frey Apollonio: um romance do Brasil**, também assumiu de modo exclusivo todo o trabalho quanto à edição e publicação dos dois últimos volumes de **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**, devido ao fato de que Spix veio a falecer prematuramente (em março de 1826), não intervindo de modo direto, portanto, nesta etapa do trabalho.

² Acompanharam a publicação de **Viagem pelo Brasil: 1817-1820** um Atlas contendo 42 estampas litografadas, além de 11 mapas, que constituem valioso documento iconográfico.

³ Mantivemos a grafia utilizada na tradução ao português de 1938 da narrativa de viagem.

⁴ Quando chegou ao Brasil em 1817, Martius contava, então, apenas com 22 anos de idade.